This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 466683 DUPL

869.8
C355
an

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES · SCIENTIA · VERITAS

O ANNEL DE POLYCRATES

POR

EUGENIO DE CASTRO
DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

O ANNEL
DE POLYCRATES

OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

Crystallisações da Morte, 1884. 1 vol.
Canções d'Abril, 1884. 1 vol.
Jesus de Nazareth, 1885. 1 vol.
Per umbram, 1887. 1 vol.
Horas tristes, 1888. 1 vol.
Oaristos, 1.ª edição, 1890; 2.ª edição, 1900. 1 vol.
Horas, 1891. 1 vol.
Sylva, 1894. 1 vol.
Interlunio, 1894. 1 vol.
Belkiss, 1894. 1 vol.
Tiresias, 1894. 1 vol.
Sagramor, 1895. 1 vol.
Salomé e outros poemas, 1896. 1 vol.
A Nereide de Harlem, 1896. 1 vol.
O Rei Galaor, 1897. 1 vol.
Saudades do Céo, 1899. 1 vol.
Constança, 1900. 1 vol.
Depois da Ceifa, 1901. 1 vol.
Poesias escolhidas, 1902. 1 vol.
O melhor retrato de João de Deus, 1906. 1 vol.
A Sombra do Quadrante, 1906. 1 vol.

No prelo:

A Fonte do Satyro.

944

O ANNEL DE POLYCRATES

POEMA DRAMATICO

POR

EUGENIO DE CASTRO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

COIMBRA

FRANÇA AMADO, EDITOR

1907

869.8
C355an

63-225713

D'esta edição fez-se uma tiragem especial de quatro exemplares em papel Whatman, numerados e rubricados pelo auctor.

A

JULIO DE VILHENA

DO CONSELHO D'ESTADO
MINISTRO D'ESTADO HONORARIO
PAR DO REINO
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
ETC.

« Dae vós favor ao novo atrevimento,
« Para que estes meus versos vossos sejam. »

CAMÕES, *Lusiadas.*

Ha-de haver quinze annos, alguem me repetiu as palavras de sympathia com que o meu Amigo se referira, em conversa intima, a trabalhos meus, palavras que duplamente me sensibilisaram, por ellas proprias, e — sobretudo! — pela circumstancia de procederem de um homem que eu não tinha a fortuna de conhecer ainda.

Tempos depois, encontrei-me comsigo, inesperadamente, n'um banquete; e quando eu festejava a ideia

de lhe ser apresentado d'ahi a instantes, de novo o meu Amigo me surprehendeu e captivou com o brinde affectuosissimo que então me dirigiu.

D'esse dia para cá, tenho recebido do seu espirito e do seu coração tantas finezas e tantos incitamentos, que, ás vezes, quando licenceio a minha Musa, levado a isso por imperiosos deveres profissionaes e domesticos, logo me afflige o receio de decair da sua estima, receio que mais negra torna a dor de ver em forçado pousio o modesto campo dos meus sonhos d'arte.

Escrevendo esta obrinha, pensei a miudo no que o meu Amigo viria a pensar d'ella. Dedicando-lh'a, nem por sombras tento pagar a minha grande divida: apenas quero mostrar-lhe, na medida das escassas forças que Deus me deu, a immensa e commovida gratidão que lhe consagro.

E. DE C.

« Von allem, was die Insel heget,
Ist dieser Ring mein höchstes Gut.
Ihn will ich den Erinnen weihen,
Ob sie mein Glück mir dann verzeihen. »
Und wirft das Kleinod in die Flut.

SCHILLER.

DRAMATIS PERSONÆ

AGAMEDES D'ATHENAS, joven esculptor.
ANACREONTE DE TÉOS.
ARCHIAS, velho creado de Agamedes.
MELISSA, joven atheniense.
CORO DAS SOMBRAS.

A scena é nos arredores de Samos,
capital da ilha do mesmo nome.

Olympiada 60ª, 3 (A. C. 529).

PRIMEIRO ACTO

PRIMEIRO ACTO

Pequena casa de campo no alto d'uma collina, entre vinhedos. A' frente do singelo edificio, um portico de marmore, de ordem jonica. A' direita, atravez d'um bosquesinho de alfarrobeiras e cyprestes, branqueja, a distancia, a cidade de Samos. Ouve-se perto o mar.

SCENA UNICA

Agamedes, Anacreonte e Archias. Este ultimo atravessa a scena repetidas vezes, levando para casa grandes braçadas de lenha.

ANACREONTE, entrando pela direita e estacando defronte de Agamedes que passeia gravemente no peristylo:

Haja paz e alegria em casa de Agamedes!

AGAMEDES

Quem quer que sejas, tu, que aos altos Numes pedes
Taes graças para mim, sê bemvindo mil vezes!
Se és um pastor, que Pan bafeje as tuas rezes;

Se em rustico socego um campinho cultivas,
Que as Nymphas maternaes o reguem d'aguas vivas;
E se uma vinha tens, que o deus Baccho annualmente
Na adega obscura e fresca as amphoras te augmente!

ANACREONTE

Não sou pastor, nem lavrador, nem vinhateiro:
A carne tenra e a lã do placido carneiro,
Frutas, legumes, pão e os vinhos delicados,
Por distantes avós ha muito envasilhados,
Tudo isso, fóra o mais, em abundancia o tenho,
Sem que, para o haver, condusa algum rebanho,
Nem regue com suor, vinha, horta ou pomar.
Minha vida é cantar, dormir, beber e amar!
Polycrates, senhor do mar Egeu, um dia
Certa ode escutou, que á loura e fugidía
Eurypila eu fizera; e o deleite que teve
Ouvindo os versos meus foi tamanho, que em breve,
Instando, me obrigou a vir morar comsigo.
Apenas cá cheguei, Polycrates, amigo
E franco protector de sabios e de artistas,
Bisarro me acolheu com honras nunca vistas,
Forçando-me a jurar que só p'la mão da morte
E' que eu consentiria em lhe deixar a côrte.

Serena, desde então é-me a vida de rosas;
A' sua mesa cômo iguarias preciosas,
Em leito de marfim, durmo sob aureo tecto,
E a par do seu fraterno e desvelado affecto,
Meu grato coração o affecto conheceu
De dois homens de bem que lá vivem como eu:
De Ibycos, o poeta, e do illustre Pythagoras.
Eu que antes d'esse tempo á raiz das mandragoras
Tantas vezes roguei do somno o esquecimento,
Para n'elle afogar a fome e o desalento
D'um misero viver, conturbado e mesquinho,
Agora sou como o innocente passarinho,
Que não faz contas p'ra o comer nem p'ra o vestir,
Que outra coisa não faz senão cantar e rir,
Nas mattas p'lo calor, e á tarde pelos céos...
— Chamo-me Anacreonte, e vi a luz em Téos!

AGAMEDES, cheio de surpresa:

Jamais me alvoroçou alegria tamanha!
Pois quê, Zeus poderoso! é possivel que eu tenha
Aqui, junto de mim, o rei dos poetas gregos?

Olhando com desconfiança para Anacreonte:

Não serás um impostor?

ANACREONTE

Meus olhos fiquem cegos,
Se não sou quem te disse...
Esse pasmo e clamores
Denunciam-me que és dos meus admiradores,
Levando-me a julgar, se não estou illudido,
Que acolherás benigno um pequeno pedido :
Um pedido, ouve bem ! Não obriga quem pede...

AGAMEDES

Que desejas ?

ANACREONTE

Beber ! Venho com tanta sêde,
Que bebêra o Peneo d'um trago !

AGAMEDES

Que promessa !

Gritando :

Archias ! Archias !

A VOZ DE ARCHIAS

Senhor !

AGAMEDES

Vem cá !

A VOZ DE ARCHIAS

Ahi vou!

AGAMEDES

Depressa!

ARCHIAS, saindo de casa:

Aqui me tens, senhor.

AGAMEDES

Vinho e taças! Escuta:
P'ra vir mais fresco, vae buscar o vinho á gruta,
E traze do melhor...

Archias volta para casa.

ANACREONTE, olhando embevecidamente a paisagem:

Que vista encantadora!
Como deve sair d'aqui chorosa a Aurora,
Que sorrisos terá quando voltar! O velho
E sempre novo mar 'stá hoje que é um espelho...
Ali, no golfo azul, em festivas derrotas,
As vélas dos bateis são irmãs das gaivotas,
Que, sobre um cyprestal de aspeito merencorio,
Avoejam no sopé do ruivo promontorio...

D'aquella alfarrobeira entre os víridos ramos
Sorri, marmoria e bella, a cidade de Samos,
Revendo-se no mar com nobreza e vaidade...
Só por si, esta vista, amigo, é a f'licidade !

Curto silencio.

AGAMEDES, vendo Archias que reapparece trazendo duas infusas de vinho e duas taças de prata :

Ahi vem Archias emfim !

Enche uma das taças e offerece-a a Anacreonte :

Este é do velho... Toma !

ANACREONTE, cheirando o vinho :

O arôma é delicioso...

Prova :

E o gôsto é como o aroma !
E então que fresco vem, como tem vida e graça !

Bebe demoradamente até á ultima gôta :

Mas que vejo ? No fundo a generosa taça
Tem gravada uma rã...

AGAMEDES

Foi Porphyro de Delos
Quem a gravou.

ANACREONTE

E em volta ha versos... Vamos lêl-os.

Lê no fundo da taça:

Sou uma rã singular:
Se me cobrirem de vinho,
Ninguem, nem mesmo baixinho,
Me ha-de ouvir tagarelar;
Mas se, por voltas do asar,
Alguem d'agua me cobrir,
Diga adeus ao seu dormir,
Que p'ra longe o farei ir
Com meu rispido coaxar.

Satisfaça-se a rã... Vá mais uma pinguita!

Agamedes enche a taça de Anacreonte, que a esvasia d'um trago.

AGAMEDES

Mas a que devo eu, amigo, esta visita?

ANACREONTE

No jardim de Antenor, d'um lago verde á beira,
Ha tempos conheci Meltina, a tecedeira,
Moça d'olhos azues... Uma paixão de fogo
Na minh'alma extasiada incendiou-se logo,
Doida e violenta como os vendavaes da Thracia!
Lentos dias sem fim, com ferrea pertinacia,
Segui, humilde cão, a sombra de Meltina,
Beijando a fina areia onde passava, fina,
Com passo musical, n'um resplendor d'encantos...
Ajoelhado à seus pés, verti copiosos prantos,
Longas noites velei junto da sua porta,
Sem que ella, sempre altiva e glacialmente absorta,
Apiedada afinal, me désse d'improviso
O mimo d'um olhar e a graça d'um sorriso!
Quando descorçoei de possuil-a um dia,
Busquei na solidão, que os tristes allivía,
Refugio para a dor... O sitio predilecto
Onde eu ia esconder meu fundo mal secreto,
Era o olival que fica além, n'aquelle outeiro,
Entre o aqueducto e o chão de Thyrsis, o padeiro...
Foi ahi que, uma vez, Eurypila, a que adoro,
A que tem pés de prata e grossas tranças d'ouro,
Me appareceu sorrindo, e me curou de prompto!

Foi no outomno...
Porém, já vae comprido o conto,
E tu estás sem saber que fim cá me guiou.
Terei defeitos mil, mas ingrato não sou!
Ora, por gratidão, ao sereno olival
Onde triste escondí meu recondito mal,
E onde encontrei depois minha actual ventura,
Quer chova, quer sibile a ventania dura,
Dia a dia, sem falta, uma visita faço.
Cumprindo tal dever, todas as tardes passo
A' entrada d'esta vinha, onde, ha um pequeno instante,
Um Termo novo achei, de marmore brilhante.
Parei, a contemplar o deus rural, pasmado
Da sua perfeição, e louvando o inspirado,
Incognito cinzel, que ao deus n'um rosto déra
Duplicada expressão, sorridente e severa,
Severa para os maus, para os bons sorridente,
E que, a ralhar ou rir, diz alternadamente,
Aos ladrões: *para longe!* e aos que o não são: *entrae!*
Então passou por mim o velho Mœris, pae
De Anticlea, a gentil e esbelta bordadora,
Que acolá, n'uma casa entre cyprestes móra.
— « Mœris, lhe perguntei, sabes dizer-me quem
« Atraz da sebe poz aquelle Termo, além? »

E o velho respondeu: — « Sei que a vinha pertence,
« Herdada de seu pae, a um moço atheniense,
« Que desde a ultima ceifa habita este deserto
« E que é grande esculptor... Elle mesmo, por certo,
« E' que o Termo esculpiu e ali o mandou pôr... »
Nada mais quiz ouvir.
Um mancebo e um esculptor!
Eu que sempre adorei a mocidade e a arte,
De Mœris me apartei, e eis-me aqui a saudar-te!

AGAMEDES

Das mais viçosas flor's que vicejam n'este ermo
Basta c'rôa farei para coroar o Termo,
Recompensando-o assim (como o applaudo e bemdigo!)
Por me haver conquistado um tão precioso amigo!

ANACREONTE

Precioso!... Essa expressão convem mais ao teu vinho...

AGAMEDES

Áchal-o bom? Quer's mais?

ANACREONTE

Pois sim, mas poucochinho...

Bebe.

E ainda ha quem chame ruins aos vinhedos de Samos!
Venha uma copa mais, amigo!

Esvasía nova taça.

E agora vamos
A ouvir a tua historia! Int'ressa-me o sabêl-a.

AGAMEDES

Devéras, quer's ouvil-a? E' uma historia singella.
Nasci rico, nasci entre a opulencia e o goso...
Ao som d'harpas, dormi n'um berço flexuoso,
De perolas e d'oiro, um berço que era um astro!
Medrei saltando em aposentos d'alabastro;
Saphiras e rubins gemmavam meus brinquedos,
Que eu destruia a rir com furiosos dedos;
Acepipes p'ra a mesa, e perfumes estranhos,
Lançados com mão doida em langorosos banhos
Nas horas sensuaes d'esses dias felizes,
Mandava-os vir meu pae, de longinquos paizes
Em triremes que só lidavam para nós...

ANACREONTE

Na adega, faço ideia, eram vinhos de Khós
De Mesogis, d'Epheso... eu sei! Quem lá me dera!

AGAMEDES

Um dia, estava eu a modelar em cera
(Era eu já um rapaz) a ingenua figurinha
D'Eros tendo na mão domestica andorinha,
Surprehende-me meu pae, que em terno desvario,
Crendo ter já em mim outro Melas de Chio,
Me beija ternamente e loucamente parte
A' procura de quem me guie n'essa arte
Que faz chorar, sorrir, amar e odiar, a pedra !
Dá-me meu pae por mestre o illustre Scopas. Medra
Em mim, dia p'ra dia, a paixão da esculptura,
Já me acena de longe a gloria com brandura,
Que se occupam de mim, quando sáio, percebo ;
E assim, sem me importar, felicissimo ephebo,
Com o frivolo prazer dos jogos e do amor,
Morto p'ra tudo mais, vivo sendo esculptor.
Mas da fortuna o vento é como os outros — vario :
Eis que morre meu pae, o alegre perdulario,
E eu fico na miseria !
O palacio d'Athenas
Onde nascera, e onde, ligeiras e serenas,
Tinham da minha infancia as horas deslisado,
Como rosas caindo em ribeiro prateado ;
O marmorio palacio e a riqueza que o enchia,

Toda a baixella d'oiro e a immensa argentaria
Que pejára um celleiro; as estatuas e os bustos
De deuses e de heroes, fulgindo entre os arbustos
Do pateo interior, silencioso e discreto;
As cobertas de lã bordadas em Mileto,
Os bellos camafeus, e as vivas cornalinas
Gravadas com ideaes effigies femininas;
Os vastos leitos, onde a dor de Cyparisso,
Se rangiam, vibrava... ai! tudo, tudo isso,
Como sob um cyclone uma veiga de flores,
Aduncamente foi pilhado p'los credores!
Caído na miseria, um dia, somnolento
E cançado de andar toda a noite ao relento,
O usurario Cleandro encontro, que me fala
Com rara polidez, cofiando a barba rala,
E que a alliciar-me, a penhorar-me, a enternecer-me,
Vivamente me diz: — « Olha lá, quer's vender-me
« A vinha que teu pae em Samos possuia? »
Fiquei varado! O quê, altos Deuses! havia
Coisa que minha fosse? Abafo a commoção
E digo simplesmente ao patiforio: — « Não! »

Vendo azulado assim o meu viver aziago,
Buscando amigos meus, parto, procuro, indago,

E acabo por saber, que em verdade era minha
Esta pequena casa e esta pequena vinha
Onde, com o servo leal que nos braços me trouxe,
Vim rapido esconder-me e onde a vida me é doce...

ANACREONTE

E fóra o servo, diz', ninguem mais te acompanha ?

AGAMEDES

Ninguem mais aqui vive...

ANACREONTE

Eis uma coisa estranha,
Que tu, moço e gentil como és, na linda edade
Dos sonhos e do amor, á tua soledade
Não chamasses ainda uma graciosa amante !
Não ! E' preciso amar, meu candido ignorante !
De que te servem, dize, as rosas que além vejo,
Se a enamoradas mãos, com um demorado beijo,
Tremente de paixão, não has-de ir off'recêl-as ?
De que te serve a vinha, onde os cachos são estrellas,
De que te serve a vinha, e o vinho que produz,
Mixto acariciador de balsamos e luz,
Se um regaço não tens, onde, em brandos deleites,

Meio ebrio, ao fim da tarde, essa cabeça deites ?
De que te serve a Gloria, amigo ? A Gloria é vã,
Se aquelle que a buscou em doloroso afan,
Alva amante não tem de belleza estupenda,
A cujos pés de luar, como um tapete, a estenda !

Enche de novo a taça e bebe.

AGAMEDES

Talvez tenhas razão no que dizes... Confesso
Que ás vezes, quando sinto o coração oppresso
Por indecisa dor, me ponho a appetecer
A doçura e o frescor d'uns labios de mulher...
Como deve ser bom !

ANACREONTE

Pois 'inda não provaste ?

AGAMEDES

Confesso que ainda não...

ANACREONTE

O lirio em sua haste
Mais pureza não tem ! Até parece mal !
Não estarás a mentir ?

AGAMEDES

Sou incapaz de tal.

ANACREONTE

Pois bem, é começar! Com juvenil ardor,
Sem demora entrarás nos combates do amor,
Em que victorias mil has-de cobrar por certo!
Vamos, quero-te ver finalmente desperto
D'um somno que é um crime. Um crime, sim! Mas an
Eu que até hoje conto oitenta e sete amantes,
E que em questões d'amor desafio os mais velhos,
Vou dar-te, caro amigo, uns dois ou tres conselhos.

Senta-se n'uma pedra.

Quem se dispõe a amar o seu caracter dispa!
O amor, embora seja uma rapida chispa
Que morre mal brilhou, tem duras exigencias;
Porém, como é fugaz, bastam-lhe as apparencias...
Não mudes! Sê o que és no fundo da tua alma,
Mas p'ra alcançar da tua amada a verde palma,
Não receies mostrar-te, ó tu que amar desejas,
Não como és mas como ella quizer que sejas!
E' religiosa a tua amada? — Vae ao templo,
Consagra offertas mil aos Deuses, sê o exemplo
No modo de seguir o antigo ritual.

Tem p'los Deuses do Olympo um desdem sem egual?
— Sem de leve hesitar, zomba do Olympo inteiro!
Gosta acaso de flor's? — Faze-te jardineiro!
P'ra no Amor ser feliz, eis a receita unica:
Nunca d'alma mudar, mudar sempre de tunica!
O que torna o mortal illustre ou vil é a roupa!
Para possuir Danae, Leda, Antiope, Europa,
O omnipotente Zeus tornou-se em chuva d'oiro,
Em cysne, em ægipan e por ultimo em toiro!
Faze o mesmo! Porém, ouve ainda uma cousa:
— Se tiver's de ser animal, sê... raposa.

Ha, para captivar as virgens indiff'rentes,
Uma droga de truz: enchêl-as de presentes.
Embora a Persuasão em teus labios habite,
Um annel, um medalhão d'agatha ou malachite,
Uns brincos ou um rubim de fina transparencia
Conseguirão bem mais que a maior eloquencia.
Agamedes, no entanto é meu dever dizer-te
Que este velho processo as mulheres perverte
E lança na ruina os homens. A mulher
E' um poço d'ambição: quanto mais tem, mais quer.
Tem um annel? quer dois; tem dois? deseja tres...
Não cáias na fatal, grotesca insensatez

De acostumar assim a tua namorada!
Se a acostumas assim, a moça desvairada
Nem um só beijo, um só! te poisará na bôca,
Sem que primeiro exija alguma coisa em troca.
Presentêa sómente o amor dos teus amores
Com lindos pomos, mel, versos e muitas flores.
Nada mais! De contrario, ingenuo apaixonado,
Terás em breve tempo, ó tonto! dissipado
A casa, a vinha, a horta e as proprias ferramentas...

Vencendo em sanha e astucia as feras mais cruentas,
O ciume é um negro monstro, um javali nefasto
Que os puros corações destroe: não lhe dês pasto,
Evita-o sem cessar como um funesto p'rigo!
Se fores encontrar o teu melhor amigo
A cochichar co'a tua encantadora amante,
Não te deixes tomar de colera espumante,
Faze que nada vês, de leve te retira,
Fecha a porta de manso, e soffreando a ira,
Caminha para a casa onde mora o infiel
E vinga-te... beijando a airosa amante d'elle!

De tanto parolar a guela se me abrasa...
Vá uma taça mais! mas enche-a pela rasa,

Se não queres que a rã coaxando nos irrite.

Recebe das mãos de Agamedes a taça trasbordante, bebe sofregamente, e continúa já bastante embriagado:

Para te conduzir ao altar de Aphrodite,
Talvez te conviesse uma mulher já feita,
Casada ou não (isso é indifferente), affeita
Aos mysterios do Amor, e cuja experiencia
Guiasse, maternal, tua cega innocencia...
As flores dão-se bem ás vezes nas ruinas,
E assim, ephebos ha que ás candidas meninas,
Lindas como, ao luar, de cravos um canteiro,
Insípidas, porém, como um arbusto sem cheiro,
Preferem vezes mil matrona já durasia,
Mas enervante como os balsamos da Asia.
No entanto uma mulher assim é bem p'rigosa,
Porque em cada matrona ha sempre uma gulosa,
E como a fructa verde é a que mais as tenta,
Passado um dia ou dois, ao cabo de violenta
Noitada de prazer, havias de appar'cer-me
Sumido, sem vigor, com sombras na epiderme,
Com uns olhos de febre entre violetas roxas,
Qual se fôras, emfim, chupado p'las carochas.
Deixa para mais tarde as velhas; por emquanto

D'alva moça procura o immaculado encanto,
O inviolado frescor... Conheces Anticlêa?

AGAMEDES

Ha dias que a conheço...

ANACREONTE

E como a achas, feia?

AGAMEDES

Pelo contrario, amigo, é linda como os astros!
Sua pelle escurece os puros alabastros
Da Laconia, e, por Zeus! sua voz argentina
E' um favonio a brincar n'uma lyra divina...
Nunca donzella vi tão linda!

ANACREONTE

Muito bem:
E' Anticlêa, amigo, a flor que te convém!

AGAMEDES

Porém...

ANACREONTE

Porém, o quê?

AGAMEDES

Anticlêa é tão linda
Como estupida...

ANACREONTE

E tu és mais ingenuo ainda
Que um ramo de coral, cabecinha de vento!
Se exiges á mulher a fôrça do talento,
Deverás exigir a formosura aos sabios!
Que importa a estupidez, se são frescos os labios?
As maçãs em que tu cravas guloso os dentes,
Dize-me, essas maçãs são muito intelligentes?
Ora a maior diff'rença, amigo, que tu vês
Entre a moça e a maçã, é que uma tem dois pés
E a outra tem um só! Anticlêa é formosa
E nova. Que mais quer's? E' parva e silenciosa?
Melhor! Sem hesitar, trata de convencêl-a.
Hoje mesmo, sem falta, has-de falar com ella!

AGAMEDES

Mas o que hei-de eu dizer-lhe?

ANACREONTE

Ingenuo! Dir-lhe-ás

Que a amas, como a vespa ama o fino lilaz;
Que a amál-a, sem cessar, em fogo se consome
Teu pobre coração, e que, ao dizer seu nome,
Sentes á flor da bôca um veio de ambrosia;
Dir-lhe-ás, que vês, ao vêl-a, um refulgente dia,
Embora sobre ti a noite se condense;
Que em frescura e doçura o seu habito vence
Os zephyros que vem dos laranjaes da Argolida,
E que a tua paixão, como as montanhas, solida,
Como o Oceano, profunda, e, como o aço, forte,
Não teme o alado Tempo e desafia a Morte!
Por fim, dir-lhe-ás tambem, que, por sua intenção,
De Cypris sobre o altar queimaste em profusão
O olíbano que vem da Arabia fabulosa,
E as resinas subtis da planta preciosa
Em que foi transformada a filha de Cyniras...

AGAMEDES

Mas isso, Anacreonte, é um rocal de mentiras!

ANACREONTE, indignado:

Nunca até hoje vi tamanha ingenuidade!
O Amor anda de mal ha muito co'a Verdade!
Queres victorias ter? Mente e torna a mentir!

Dize que sentes mas livra-te de sentir!
Durma o teu coração, quando a bôca falar!
Mente e torna a mentir! Não cáias em amar
Com verdadeiro amor! Um amor verdadeiro
E' uma canga de bronze, um duro captiveiro
Que attrae angustias, ais, ciume, febre e pranto!

Deita a mão a uma das infusas e põe-se a beber desordenadamente, ás goladas.

AGAMEDES

Comprehendo... Mas depois de repetir-lhe quanto
Me ensinaste, que mais deverei eu fazer?

ANACREONTE, limpando a bôca avinhada a uma ponta da tunica:

Marca-lhe uma entrevista aqui, ao escurecer.

AGAMEDES

E ella virá?

ANACREONTE

Por certo.

AGAMEDES

E em ella aqui chegando?

ANACREONTE

Senta-a junto de ti, e as suas mãos beijando,
Imprime á tua voz doces requebros lassos
De paixão...

AGAMEDES

E depois?

ANACREONTE

Depois... beija-lhe os braços,
E se ella não mostrar sacudidos assombros,
E creio bem que não, beija-lhe os lacteos hombros...

AGAMEDES

E depois? E depois?

ANACREONTE

O Amor te ensinará!

Ergue-se com difficuldade, bebedissimo.

Mas agora reparo, é quasi noite já...
Vou-me!

Dá dois passos a cambalear

E a caminho irei compondo uma canção

P'ra Eurypila... O teu vinho, enevoando a razão,
Exalta e inspira como as aguas de Castalia!

Os braços bambos, trocando as pernas e piscando os olhos, põe-se a fazer mesuras deante de Agamedes, e de repente, n'um impeto, larga pela vinha abaixo, aos bórdos.

AGAMEDES, vendo-o desapparecer:

Que bebado que vae! Lá deixa uma sandalia...

SEGUNDO ACTO

SEGUNDO ACTO

O mesmo scenario do primeiro acto. Crepusculo da tarde.

SCENA I

Agamedes só.

AGAMEDES

Desde que Anacreonte aqui esteve ha tres dias
Quasi me desconheço !
As puras alegrias
Do trabalho ; o prazer íntimo e sem alarde,
De mirar orgulhoso, ao declinar da tarde,
Os avanços da estatua em que andava lidando ;
Depois, concluida a ceia, esse cansaço brando,
Esse doce torpor que me levava ao leito,
No qual adormecia, ingenuo e satisfeito,
A pensar deliciado em novas esculpturas ;
O enthusiasmo, a fé, as ambições tão puras
Com que me erguia, mal a vespertina estrella

Ás nenias punha fim da triste Philomela,
Cançada de contar o triste fado seu,
De Progne a revindicta, e a furia de Tereo
Toda a macieza e paz d'aquelles dias breves
Submersas vejo como, ao derreter das neves,
As campinas que estão nas margens do Achelôo!

Meu pobre coração dormia... Despertou-o
Com voz d'incantamento o lyrico de Téos...
Como no dorso mol' da baleia os harpeos
Dos rudes pescador's que vão para agarrál-a,
Assim d'essa brilhante e suggestiva fala
As palavras fataes, palavras que eram settas,
Me penetraram todo!
Adeus, noites quietas,
Noites d'um somno só, e vós dias ligeiros,
Em que as Horas, dançando em florídos canteiros,
Com divinas canções acompanhavam, rindo,
Do meu escopro na pedra o canto claro e lindo!
Meu escopro! meu amigo e meu socio na arte,
Tres longos dias ha, que não ouso tomar-te
N'estas ingratas mãos, ingratidão sem nome!
Tres longos dias ha, que a febre me consome,
Impellindo-me atraz d'um sonho vago e futil;

Tres longos dias ha, que estás calado e inutil,
Entre obras por findar, na calada officina!
Lá, meu escopro fiel, que excitação divina,
Que inspirado furor nos colhia a nós dois
Na ancia de crear deuses, nymphas e heroes,
De dar á pedra morta a inquietação da vida!
Ai! quanta, quanta vez, co'a alma embevecida
Em funda aspiração de espiritual belleza,
Não te fui despertar antes que a natureza
Acordasse ao raiar da Aurora em risos claros!

Ao centro do telheiro, alvo bloco de Paros
Erguia-se brilhante.
E a faina começava!
Tomando-te na esquerda, a mão direita alçava,
Prompta p'ra te bater, a pesada maceta;
No modelo de barro a minha vista inquieta
Poisava, a calcular fórmas, relevos, linhas,
E logo, aos golpes teus, — quão certos os mantinhas! —
Ou cauto e comedido, ou desvairado e louco,
Avultavam na pedra informe, a pouco e pouco,
Uma nobre cabeça altivamente erecta,
Um bello torso nú, forte e largo, d'athleta,
Uma perna retesa, uma crispada mão!

E o teu cantar seguia a minha inspiração !
Brando, se algum relevo a respeitar havia,
Mudava-se a brandura em aspera energia,
N'um fuzilar de movimentos iracundos,
Quando urgia fazer desbastes mais profundos ;
Leve, tinias como os sistros argentinos,
Se arredondavas, meigo, uns seios femininos,
D'uma naiade o collo, ou d'uma deusa as ancas ;
E ao marmore arrancando enormes lascas brancas,
Silvavas como um raio em minhas mãos nervosas,
Se lavravas na pedra as fórmas vigorosas
D'um luctador luctando, ou d'um nume furioso !
Ai de mim ! O labor constante e voluptuoso,
Que d'antes me encantava, aborrece-me agora !
Cada instante fugaz me parece uma hora,
E tu, meu escopro, que eu tão leveirinho achava,
Pésas-me tanto ou mais que de Hercules a clava !

Senta-se n'um dos intercolumnios do portico. Pequeno silencio.

Hontem, pensando nas bellezas de Anticlêa,
D'este casal saí...
De subito, avistei-a,
A caminho da fonte, airosa, fina e lesta !
Eram de neve pura a sua nobre testa,

O seu peito de garça e seus ligeiros pés;
E sobraçava, esbelta, uma amphora de grês...
Maluquinho d'amor's, vou-me no encalço d'ella,
A admiral-a, extasiado e tonto, a appetecêl-a,
A compor phrases mil, afim de lh'as dizer
Tão depressa p'la cinta a colhesse, e a colher
Brancos narcisos, goivos brancos e alfazema,
Para tecer-lhe farto e perfumado estemma!
N'isto, d'um verde bosque a densa ramaria
Encobre-m'a: julguei até que anoitecia,
Posto que fosse d'oiro e rosas a manhã!
Como Syrinx fugindo aos abraços de Pan,
Largo em doido correr...
Em breve, aos meus ouvidos
Sôam já, suavemente, os velados gemidos
Da fonte, junto á qual ella devia ouvir-me
Jurando um grande amor, puro, abrasado e firme!
Chegado lá, porém, que vi?
Potente Zeus,
Porque é que não cegaste os tristes olhos meus?
— Anticlêa, a gentil, ambicionada flor,
Abraçava Rufino, um rustico pastor!

Erguendo-se:

Cypris! Filha do Céo e do Mar! Sê fagueira

Para Agamedes! Ouve, ó Deusa!
A vez primeira
Que ao teu culto levei meu novo coração,
Tão sómente colhi negra desillusão!
Foste injusta e cruel!
Deusa formosa e sabia,
Os bellos olhos teus, doces como da Arabia
Os perfumes subtis, põe-n-os n'este meu seio,
E logo me dirás se o vivissimo anceio
De ternura e de amor, que n'elle estúa e cresce,
Qual refervido oceano, ó Cypris, não merece
Que alto premio lhe dês, dando-me sem demora
Meiga amante, fiel, e amavel como a Aurora!
Sê benigna e clemente, ó Cypris! E se acaso
Minha súpplica ouvir's, se eu vir, em breve praso,
Do meu inquieto amor o idolatrado objecto,
Alta deusa de Cnido e de Paphos, prometto
Que te hei-de levantar uma estatua tão bella,
Onde a tua nudez scintillante, de estrella,
Tão bem seja imitada, e essas mãos e essa fronte,
Que ao vêl-a julgarás mirar-te em lisa fonte!

SCENA II

Agamedes e Archias.

AGAMEDES, ouvindo passos :

Quem vem ?

ARCHIAS, entrando pela direita, com um cêsto ás costas :

Sou eu, senhor.

AGAMEDES

O que vae p'la cidade ?
Nada ouviste por lá ?

ARCHIAS

Ha grande novidade !

Poisa o cêsto no chão, e começa a mostrar o que n'elle traz.

Fui buscar ao mercado este cambo de tordos,
— Vê que bonitos são, e vê como estão gordos ! —
Estas maçãs de Creta, e esta enfiada d'enguias
Do lago Copaïs ; entrei nas olarias
De Glaphyro e Menandro, e lá comprei, baratos,

Este rython que achei bellissimo e estes pratos;
Um momento parei, com olhos compassivos,
Seguindo o trabalhar d'alguns pobres captivos,
Que em torno da muralha um fosso estão cavando;
Procurei Nicanor, o bebedo execrando,
Que ainda não apromptou tuas sandalias; fui...

AGAMEDES, interrompendo-o:

Que me importa o saber onde foste? Conclue
O teu roteiro e conta a novidade, vamos!

ARCHIAS

Pois saberás, senhor, que chegou hoje a Samos,
De Amasis, rei do Egypto, explendida embaixada;
Presentes que ella traz, luzem como a alvorada,
Tão carregados vem de gemmas assombrosas!
Ao pé d'estas, porém, as coisas judiciosas,
Os conselhos leaes e as razões excellentes
Da carta que acompanha os lucidos presentes,
São como ao pé da negra cinza o oiro em pó!
A Polycrates diz o sabio Pharaó
Isto que eu ouvi ler:

« Amigo: Essa alliança
« Que me propões, acceito-a. E' grande a confiança

« *Que tenho em teu valor e em teu alto poder!*
« *Um exercito possues, que sabe só vencer,*
« *Exercito fatal, mudo, solemne e forte,*
« *Que leva a Gloria sempre adeante, e atraz a Morte!*
« *Sei que prodigios mil de audacia e valentia*
« *Se cometteram quando, em memoravel dia,*
« *Da lesbia gente houveste um triumpho completo,*
« *Ao vêl-a soccorrendo o povo de Mileto;*
« *Sei finalmente que na bahia de prata,*
« *Onde a tua cidade airosa se retrata,*
« *Cem naus mergulham na agua os seus cinco mil remos!*
« *Quanto a mim, sabes bem o que valho. Juntemos*
« *Nossas forças, e então, sentindo a sorte adversa,*
« *Confuso rugirá nosso inimigo, o persa!*
« *Então, amigo, ao ver que apertámos as mãos,*
« *Na intrepidez heroes, e na amisade irmãos;*
« *Tremerá de pavor o insolente Kambyses!*
« *Em Samos e no Egypto aureos dias felizes*
« *Veremos deslisar... Então a filha loura*
« *De Themis e de Zeus, a Paz encantadora,*
« *Seus ouvidos cerrando aos bellicos gemidos,*
« *Graciosa, ha-de eleger, como sitios pref'ridos*
« *Para apoz infantis, innocentes folguedos,*
« *Longas séstas dormir, os samianos vinhedos,*

« *E aqui, por tardes d'oiro, a sombra das pyramides!*
« *Então, ahi e aqui, cingindo puras chlamydes,*
« *Os soldados irão (já cuido que os contemplo!)*
« *Suas armas depor do deus Ares no templo,*
« *— O casco, o forte escudo, as refulgentes cnémides,*
« *E as lanças mais crueis que o açoite das Euménides!*
« *Tua proposta acceito, amigo meu... Porém*
« *Tu que entre outros possues o inestimavel bem*
« *De ser mui novo ainda, escuta a um pobre velho,*
« *Que te quer como a um filho, um paternal conselho.*
« *Gabas-te, amigo meu, da tua f'licidade*
« *Que limites não vê: vives n'uma cidade,*
« *Que p'la sua belleza as mais bellas humilha;*
« *Doiram-te a vida azul os beijos d'uma filha;*
« *Em divinos licor's dessedentas os labios;*
« *Tens sempre ao pé de ti, tu que amas poetas, sabios,*
« *Pythagoras d'um lado, e do outro Anacreonte;*
« *E a almofada onde pões a somnolenta fronte,*
« *Quando Morpheo lhe instilla o philtro perturbante,*
« *E' o seio de jasmins e rosas, d'alva amante!*
« *Nunca passou por ti a sombra d'um desgosto,*
« *Nunca, empresa arriscada onde tivesses posto*
« *Enthusiasmo e fé, deixou de consummar-se;*
« *Nunca teve p'ra ti a Fortuna um disfarce;*

« E nos combates mil que afrontas com valor,
« Ou na terra ou no mar, és sempre vencedor!
« És em excesso feliz, Polycrates! Cuidado!
« Que essa fama não chegue ao Olympo, e que, irritado,
« Não te castigue o Olympo! Os deuses com bons olhos
« De certo não verão que os mínimos abrolhos
« Se erriçaram jamais em teu flóreo caminho,
« E que n'alma jamais se te cravou um espinho!
« Existir é soffrer! Angustias, sobresaltos,
« Ninguem os desconhece, e até os deuses altos
« Em rudes afflicções por vezes se consomem!
« Não, f'licidade assim não é propria d'um homem!
« Ora pois, se tu quer's, amigo, conservar
« Parte d'essa fortuna incrivel, singular,
« Toma aquillo que mais estimas n'este mundo
« E arremessa-o de prompto ao mar verde e profundo,
« A ver se um deus, calmada a inveja, e satisfeita,
« Do que ainda te ficar como um penhor o acceita! »

AGAMEDES

E agora o que fará Polycrates?

ARCHIAS

Ouvi,
Que ao ler avisos taes sorriu, como sorri

Dos reparos do pae, leviano adolescente.
Algo ficou, porém, minando surdamente
Na sua consciencia; a missiva releu
Com sisuda attenção, e por fim resolveu
Lançar ao mar, que além sussurra e se encapella,
O precioso firmal com que os rescritos sélla.
Esse firmal, obra do ourives Theodoro,
E' um pesado annel, onde, entre folhas d'ouro,
Como estranho astro-flor, uma esmeralda brilha;
E com ser d'alta arte excelsa maravilha,
E' para o nosso rei, d'amor grata lembrança,
Pois ostenta com viva e inteira semelhança,
Na glauca gemma aberto, o retrato de Aglae,
A amante que lhe deu a gloria de ser pae!
E' amanhã que a joia ao mar será lançada...

Archias volta-se rapidamente, e fica-se a olhar para os lados da vinha.

AGAMEDES

O que é que estás a olhar?

ARCHIAS, com um gesto de silencio:

Cala! Não digas nada!
Par'ceu-me ver passar uma sombra na vinha...
Vou ver o que será...

Exit.

SCENA III

Agamedes e o Côro das Sombras.

AGAMEDES

A noite se avisinha...
Ai de mim! Já me espera o leito, onde tristonho
Só terei p'ra abraçar, um phantasma n'um sonho!

CORO DAS SOMBRAS, cantando ao longe:

No bosque de myrtos que em Chypre rodêa
Seu templo rosado p'la luz vespertina,
Dormita na relva, que ás brisas ondêa,
A deusa cyprina.

Embalam-lhe o somno, com vozes sonoras,
Gabando-lhe os olhos suavissimos d'ouro,
As Graças, os Jogos, os Risos e as Horas,
Em languido côro...

Como o ar é soturno, mil pombas de Messa,
Pasmadas da alvura da sua nudez,
Avoejam-lhe em torno da loura cabeça,
Refrescam-lhe a tez...

Lastimam-se as aguas por entre as folhagens,
As aves e as feras suspiram d'amor,
E astraes libellinhas transmittem mensagens
De flor para flor...

Mas Cypris acorda... Um zephyro brando
As queixas lhe trouxe do puro Agamedes;
E Cypris exclama, gentil, bocejando:
— *Terás o que pedes...*

SCENA IV

Agamedes, Archias e Melissa.

A VOZ DE ARCHIAS, ao longe :

Ladra !

A VOZ DE MELISSA

Perdão ! Perdão !

A VOZ DE ARCHIAS

Os cachos eram doces ?
Pois amargál-os vaes !

A VOZ DE MELISSA

Tinha fome !

A VOZ DE ARCHIAS

Não fosses
Uma ladra como és, pedindo, alcançarias
Quanto quizesses !

As vozes vem-se approximando.

A VOZ DE MELISSA

Ai !

A VOZ DE ARCHIAS

Nada de gritarias !

A VOZ DE MELISSA, cada vez mais lastimosa :

Por Zeus, não me magoes !... Arrancas-me os cabellos

A VOZ DE ARCHIAS

E tu não me arrancaste os cachos, os mais bellos
Da vinha ?

A VOZ DE MELISSA

Onde é que vou ?

A VOZ DE ARCHIAS

Não sejas curiosa,
Em breve o saberás !

Apparece Archias, puxando com brutalidade e furia os cabellos e a roupa de Melissa, que mal se defende, debulhada em lagrimas.

AGAMEDES

Que é isso ?

ARCHIAS

Uma raposa

e eu na vinha agarrei... E então o que ella come!
eu lá não vou...

MELISSA, deitando-se aos pés de Agamedes:

Perdão! Eu tinha muita fome,
› Termo, quando entrei, não me ralhou... sorriu!

AGAMEDES, dirigindo-se energicamente a Archias, que não larga Melissa:

chias, endoideceste? Então que desvario
o teu? Larga de prompto essa gentil creança!

Curva-se para Melissa, levanta-a carinhosamente nos braços e senta-a n'um intercolumnio do portico:

mos, não chores mais! Senta-te aqui, descança,
que a alegria doire essa carinha triste...

Para Archias, com aspereza:

chias! Pois ainda estás? Acaso não lhe ouviste
zer que tinha fome? Anda, prepara a ceia!

ARCHIAS, encaminhando-se para casa, a resmungar:

llo! Dá-lhe um banquete em vez d'uma tareia!

Exit.

AGAMEDES

Como te chamas tu ?

MELISSA

Melissa.

AGAMEDES

Um nome lindo,
Que cheira ao mel silvestre e ás roseiras do Pindo !
És de Samos ?

MELISSA, enxugando os olhos, e concertando os cabellos desgrenhados :

Nasci na rica e sábia Athenas...

AGAMEDES

Onde eu nasci tambem...

MELISSA

Devéras ?

AGAMEDES

Sim.

MELISSA

Apenas

Quarenta dias ha, que eu deixei nossa terra,
E já, de a recordar, no meu peito se aferra
Uma saudade immensa... Ai, que infeliz eu sou!

AGAMEDES

Mas que benigno vento a Samos te guiou?

MELISSA

Orphã de pae e mãe...

AGAMEDES, interrompendo-a:

Como eu...

MELISSA

Será verdade?
Filhos da mesma terra e irmãos pela orphandade?

AGAMEDES, sorrindo:

E mais que irmãos talvez... Sabes tu o que os dias
Futuros nos trarão? Continúa. Dizias...

MELISSA

Orphã de pae e mãe, uma velha parenta,
Rodoclêa de nome, e d'alma ferrujenta,
Tomou-me para casa, e encheu-me de trabalhos,
Cobrando eu por salario um caldo negro e ralhos,

Felicissima quando a velha, em furia louca,
Não me vinha zurzir co'a esguedelhada roca.
Se ao bosque ia por lenha, ou quando, ás tardes, ia
A' fonte, — qual ladrão, não andava, corria,
Mas ao voltar, trazendo em sangue estes meus pés,
Punha-se ella a gritar : — « *Que lesma que tu és!* »
E aquelle resingar jamais tinha uma pausa !
Mesmo a sonhar, ralhava ! Era por minha causa
Que o vento arrepelava as fructeiras na horta,
Que se toldava o vinho, e que rangia a porta,
Que chovia demais, e se escondia o sol !
Fôra eu que chamára um meigo rouxinol,
E que atiçava os cães p'ra lhe tirar o somno !
Tudo isto ella dizia aos mais com duro entono ;
E quanto a mim, harpia insoffrivel, medonha,
Tinha bôca de rã e nariz de cegonha,
Era porca, malcreada, impostora, indolente,
Um mixto de raposa e vibora e serpente,
N'uma palavra, — o ser mais tredo e mais immundo,
Que tem havido, que ha e que haverá no mundo !

AGAMEDES

De Zeus, morre o innocente aos raios deshumanos,
E uma mulher tão má chega a provectos annos !

MELISSA

Fartei-me! Certo dia, encontro no caminho
Um joven mercador, que fôra meu visinho,
E que amavel me diz: — « *Que magra que tu andas!*
« *Que fazes tu?* » Contei-lhe as coisas execrandas,
Que a velha me fazia... Elle, fingindo doer-se
Da minha narração, n'um ponto a cortou cerce,
Exclamando: — « *Pois bem! eu te livrarei d'ella!*
« *Sou moço e apaixonado, e tu dócil e bella!*
« *Ligando-nos, os dois faremos boa liga,*
« *E assim, se tu quizer's, minha infeliz amiga,*
« *Iremos amanhã para a ilha de Paros!* »
Na seguinte manhã, meus olhos ledos, claros,
Do cabo Sunium, entre um nevoeiro d'opalas,
Viam sumir-se, ao longe, o pennacho de Pallas,
Que, da Acrópole augusta, a cidade vigía...
Charmis, que em Paros fez bom negocio, vivia
Alegre como um rei: amava-me e comprou-me
Um lindo bracelete onde estava o meu nome
Todo escripto a rubins. Em célere navio,
Algum tempo depois, largámos para Chio.
Ahi foi-nos adversa a fortuna... E o peor
E' que foi lá tambem que eu vi o falso amor

De Charmis, como elle era: o gôsto, a fome apenas
De uns dias possuir meu corpo d'açucenas,
Timido e virginal.
Ante essa crueldade,
Cheguei de Rodoclêa então a ter saudade!
A gentileza, o mimo, os constantes sorrisos,
Com que elle me falava, enchendo de narcisos
O trilho dos meus pés, transmudaram-se breve
Em gestos sêccos, de aço, e em palavras de neve!
Melissa, a ingenua flor, que para Charmis fôra
A gloria, o encanto, a luz e a propria vida, agora,
De seducções despida, era uma sombra e um fardo!
Os cognomes gentis, perola, estrella e nardo,
Que me dera ao principio, em horas de ternura,
Nunca mais lh'os ouvi! Coberta d'amargura,
Uma noite, ao luar, vim com elle p'ra Samos,
Onde hoje de manhã por fim desembarcámos...

Desembarcando, o infiel transformára-se: era outro!
Aquelles repellões de resabiado potro,
Com que elle me acolhia, extinguiram-se... Bella
Novamente me achou; perola, nardo e estrella,
Assim por sua voz fui de novo nomeada!
— Mas tudo isso eram flor's tapando uma cilada!

Depois de termos visto as ruas principaes,
Templos, thermas, o estadio, o aqueducto e o caes,
D'um cedro collossal á sombra acolhedora
Fomos comer...
Jamais Charmis, o ingrato, fôra
Tão risonho e gentil... A um escravo que nos trouxe
Um favo, eil-o a gritar: — « *O que trazes? Mais doce*
« *E' a bôca de Melissa!* » Achando o vinho aguado
Toma a infusa de grês, fingindo-se zangado,
E diz-lhe: — « *Infusa vil! socia dos traficantes,*
« *Em vez de ter's amado as rapidas Bacchantes,*
« *Andaste a namorar as Naiades dos rios...* »
E gracejava sempre!... Em ternos amavios,
Vestia-me d'amor o seu quebrado olhar,
E depois de, perverso e falso, me abraçar
Com fingida paixão, ergue-se de repente,
Diz-me: « *Espera um instante!* » e parte...
Ingenuamente,
Deixo-o partir, e fico a ver por distracção
As abelhas nas flor's e as formigas no chão...
Passa o tempo...
Do cedro a sombra tenue e vasta,
De meus inquietos pés a mais e mais se afasta...

E Charmis sem voltar! Assusta-me a demora.
Uma hora d'afflicção succede a outra hora;
Já terceira começa... Emfim, sem me conter,
A' busca d'elle parto, a chorar e a tremer...
De tal modo me céga e desvaira a desgraça,
Que umas seis vezes vou parar á mesma praça!
Não o vendo na cidade, á praia corro, d'onde,
No momento em que o sol entre nuvens se esconde,
Ao musical bater dos seus sessenta remos,
Se aparta com nobreza a nau em que viémos.
A todos quantos vejo, anciosa e soluçante,
Peço em humilde voz novas do meu amante:
Este não me responde, aquelle encolhe os hombros,
Até que, finalmente, — assombro dos assombros!
Um velho que chegou comnosco hoje, de Chio,
Diz, vendo-me: — « *Lá vae! Vae n'aquelle navio!* »
E o navio já longe! O que senti não o sei,
Nem o que fiz depois... Lembro-me só que andei
Por veigas, pinheiraes, fragosas cumieiras,
Que a tunica rompi nos cardos, nas silveiras,
Doida, sempre a correr, qual se andára sem norte
A agarrar uma sombra ou a fugir da morte!
Por ultimo, cancei... A sêde me abrasava,
Uma sêde infernal! Parei exhausta... Estava

A' porta d'esta vinha... Assim que a minha vista
Cançada lobrigou mil cachos d'amethysta,
Entrei e desviando os pampanos de bronze,
Colhi, não foram mais! uns dez bagos ou onze!

AGAMEDES

Pobre, infeliz Melissa, em tua casa estás:
Não ha galas aqui, mas aqui acharás,
Longe do mundo vão, dias puros e lisos...
Quando fôr duro o pão, comer-se-á com risos!
Podes confiar em mim sem o minimo receio...

Fitando Melissa demoradamente:

Sendo linda como és e doce como creio,
Talvez... quem sabe lá?...
Mas se o teu coração
P'ra amante me não quer, terás em mim um irmão.

MELISSA

A tua escrava sou.

AGAMEDES

Não, Melissa! Eu te juro
P'los deuses immortaes, sem medo que o futuro
Me traga a punição d'um falso juramento,

Que nunca, em dia algum, nem mesmo em pensamento
Um beijo, ouve-me bem! um beijo só que seja
N'essa bôca darei, sem que primeiro veja
N'esses olhos azues uma chamma d'amor!

MELISSA, agarrando, commovidissima, as mãos de Agamedes, e beijando-lh'as:

Senhor!

AGAMEDES, chegando-a a si com ternura:

Ah! podesse eu sacudir tua dor
N'um prompto, como quem sacode o pó da tunica,
Ah! podesse eu — ventura inegualavel, unica! —
Arrancar da tua alma a imagem negregada
D'esse Charmis infiel!

MELISSA, tapando os olhos com as mãos:

Como eu sou desgraçada!

AGAMEDES

Dize, amával-o, muito, immenso... não é certo?

MELISSA

O que hei eu responder? Dir-se-ia que desperto
D'um sonho escuro, atroz... Não! eu julgava amál-o:
Mas ouvindo-te a ti, um tão gostoso abalo
Me agita e me perturba; a tua voz divina
Com tão forte poder meu coração domina,
Essa voz atravez da qual me sinto entrando
N'um mundo novo d'explendor's, risonho e brando,
Que reconheço emfim por fallaz embusteiro
O amor que julguei ser vehemente e verdadeiro!

Vendo-me entrar aqui, ladra, faminta e rota,
Desfeada pela dôr, qual vagabunda idiota,
Triste o teu doce olhar, porque o meu era triste,
Não recuaste assombrado e não me repelliste,
Mas sim correste a pôr com leves mãos piedosas
Meu f'rido coração n'uma cama de rosas!
A' victima do amor, á creança illudida,
Para quem se fechara em densa noite a vida,
Gritas com terna vez: « *Espera! Crê! Não chores!*
« *Eros que te feriu coroar-te-á de flores!* »
E á escrava que, ao sentir a tua caridade,
Gratissima e confusa e cheia de humildade,
Por não ter mais que dar, o corpo nú te off'rece,

Respondes: « *Ainda não!* »

Deixando cair a cabeça sobre o peito de Agamedes:

Se minha mãe vivesse,
Não seria melhor p'ra mim do que tens sido!

AGAMEDES, beijando-a castamente na testa:

A vida nos será verde jardim florido!
Porém, Charmis... Não sei que genio mau me impelle
A interpôl-o entre mim e ti, a pensar n'elle!
Charmis!

MELISSA

Ante essa dôr a minha se renova
Não! crê-me, eu não o amei! Tão simples como nova,
Ouvindo aquella voz, treda mas d'um som lindo,
Atraz d'elle parti, qual menino que, ouvindo
Um ribeiro a cantar, vae beber sem ter sêde!

AGAMEDES, abraçando-a e beijando-a apaixonadamente:

Melissa, amo-te muito e muito! Escolhe, pede,
Tudo haverás de mim!

Vendo-a quasi desmaiada:

Que tens?

MELISSA

Fazes-me tonta :

Começo a ser feliz...

ARCHIAS, apparecendo á porta :

A ceia já está prompta.

Abraçados, revendo-se um no outro, Agamedes e Melissa dirigem-se lentamente para casa.

TERCEIRO ACTO

TERCEIRO ACTO

A officina de Agamedes. Largo pateo cercado por muros altos d'onde se debruçam pampanos das ramadas exteriores, carregados de cachos. Ao fundo, uma porta sobre o mar. A' esquérda, debaixo d'um telheiro aberto, resplandece uma estatua de Venus, obra de Agamedes, para a qual Melissa serviu de modêlo. Em volta, estatuetas e bustos.

SCENA I

Agamedes e Melissa.

A meio do pateo, Agamedes modéla em cera uma figurinha de Satyro. Melissa contempla silenciosamente a estatua.

MELISSA, voltando-se para Agamedes:

Dize : tão linda sou como tu me fizeste ?

AGAMEDES

Que me perguntas tu ? Pois não surprehendeste
Os escrupulos mil, os cuidados e o zêlo

Com que eu, tendo-te ahi despida, por modêlo,
Louco d'inspiração e d'amor tambem louco,
Cortei de modo tal o scintillante bloco,
Que fosse p'ra o teu corpo harmonioso e puro
O que para o cypreste é o seu reflexo escuro
Nas aguas da piscina, e o echo é para a voz?

MELISSA, olhando para a estatua, cheia de desconsôlo:

Não sou tão linda!

AGAMEDES

Quando, ó meu amor, a sós
Comtigo, n'este quadra, á luz aurea do dia,
Trémulo desatava o cinto que prendia
Tua tunica, não me viste muitas vezes
Como que a remoer desditas e revezes,
Sentindo-me incapaz de dar á pedra dura
Uma sombra sequer da tua formosura?
Mas teus beijos d'amor levantavam-me logo!
Retomava o cinzel com exaltado fogo
E qual se a mão d'um genio a minha mão guiasse,
Palpitavam na pedra as linhas d'essa face,
Do teu dorso de prata a ondulação maviosa,

E a graça do teu rir, que é uma estrella e uma rosa!

Fitando a estatua:

E' bella a estatua, sim! tão bella, que duvido
Se fui eu que a formei, eu, um mortal tolhido
P'la humana imperfeição! E' bella! mas é bella
Porque és tu mesma, tu, Melissa! Olha para ella,
Despindo-te, e verás, vendo-te e a ella nuas,
Que as suas perfeições são a copia das tuas,
Que um encanto não tem que tu, amor, não tenhas!

Que fundas commoções deliciosas e estranhas,
Não senti ao lavrál-a em fervidos anceios!
Não te lembras de quando eu lhe fiz os dois seios?
Foi de manhã...
Entraste aqui quando eu, de leve,
Do seu peito amaciava as collinas de neve,
Cheio d'hesitação...
« *Olha!* » disseste tu,
E o seio me mostraste, o seio todo nu,
Arfante e rescendente... Um campo embalsamado,
Cheio de lirios só! Ao vêl-o, deslumbrado,
Beijo-o com beijos mil, demorados e lentos,
Palpo-o com mãos febris, sigo-lhe os movimentos,
E emfim, qual se o levára a elle e aos seus segredos

N'estes olhos, na bôca e na polpa dos dedos,
Voltando a trabalhar, com inspirado brio,
Com divino furor no marmore o copio!
Prompto!
Os peitos da estatua eram teus proprios peitos,
Tão par'cidos com os teus, tão eguaes, tão perfeitos,
Que desvairado fui osculál-os, ligeiro,
E a cabeça deitei no alvo desfiladeiro
Que os separa...

MELISSA

E então vi a asa d'um desgosto
Nos teus olhos; chamei-te, e aconcheguei teu rosto
No meu seio arquejante, onde, já menos triste
De não seres um Deus, conformado, sentiste
O que esses seios vãos não tinham, — o calor,
E dentro um coração a palpitar d'amor!

Pequeno silencio, durante o qual Melissa, de cabeça baixa, fica a olhar o chão vagamente.

AGAMEDES

Melissa, o que é que tens? Como o cego erradio
Reconhece p'lo ar que vae chegando a um rio,
Assim, p'la tua voz, presinto funda magua

tua alma. Quaes céos annunciando agua,
im os olhos teus se ensombram...

MELISSA, com voz debil e triste:

Nada tenho...

AGAMEDES

), tu tens qualquer coisa... Ha dias que te estranho...
ıso não será de Charmis a saudade?

MELISSA, como se a picassem:

· Zeus, não digas tal!
Saberás a verdade!
dias que, a fugir de ti, soluço e gemo,
sa de incrivel dor...

AGAMEDES

Porquê, Melissa?

MELISSA

Tremo,
ımo só de pensar que a amas mais que a mim!

AGAMEDES

uem, Melissa?

MELISSA

A' estatua!

AGAMEDES

A' estatua?

MELISSA

Quando vim
Hoje, ao alvorecer, para dar-te os bons dias,
Sofreando um temporal de íntimas agonias,
A agonisar d'horror, surprehendi-te a beijál-a!

AGAMEDES

Melissa...

MELISSA, sem o ouvir:

Tens razão. Sim! tu deves amál-a,
Amál-a, meu amor, bem mais que a mim, pois ella
E' mais bella do que eu, cem mil vezes mais bella!
E não lhe quero mal, ao teu gelado encanto,
Amor do meu amor! Se chóro tanto e tanto
E' por ver feitos pó os meus aureos desejos,
Por ver, pobre de mim! que os teus calidos beijos,
Brilhantes como soes, e brandos como luas,
Beijos que eram só meus, agora são de duas,
Que lhe dás os do amor, e a mim os da piedade!

AGAMEDES

Mas socéga, Melissa, e ouve, por caridade!

MELISSA

Tens razão, tens razão! Invejo-lhe o destino,
E aquelle ar que eu não tenho, olympico, divino,
Aquella placidez divinamente branca!
Agamedes, meu bem! rasga o meu peito, arranca
De lá meu coração, que tanto e tanto soffre,
Mette-o dentro da estatua, assim como n'um cofre,
E quando a for's beijar, tu, que por ella almejas,
O triste pulsará, julgando que me beijas!
Quizeste retratar-me, amor, mas ao modêlo
Sobrepozeste, insciente, o sonho vago e bello
Da tua alma sem par. Não fui modêlo, não!
Vias teu sonho e não a mim! Na tua mão
Fui o que a lyra é na mão do tocador!
E á proporção que a estatua augmentava em explendor,
De Cypris tendo a graça, e o ar calmo d'Athenea,
Cada vez, cada vez me achava eu mais feia!
Teu amor me vestira um dia de belleza
E sem me ver's a mim, do teu culto surpresa,
Em mim vias, — engano abençoado e doce! —
Aquelle ser que tu desejáras que eu fosse...

Porém, lavrando a pedra, aos poucos me despias
Das mesmas perfeições que em luminosos dias
Me deras com paixão, e que eu achava agora
Despontando, quaes flor's, na estatua encantadora.
Desfeando-me a mim tornável-a mais bella!
Despojando-me a mim e enriquecendo-a a ella,
Ficou sendo o que eu era a estatua alvinitente,
E eu apenas fiquei o que sou realmente!
Assim, vendo-a acolá, afflicta e lastimosa,
Sinto a dor que retalha a atraiçoada esposa,
Se da loira rival sobre a garganta nua
Fina medalha vê que em tempo já foi sua!

AGAMEDES

Mas ouve-me, e socéga um instante, desvairada!

MELISSA

Já não me tens amor, tens dó de mim, mais nada!

Rompe a chorar convulsamente.

AGAMEDES, acarinhando-a

Beijava-te, meu bem, beijando a estatua fria!
Beijei-a, meu amor, como beijei um dia

O espelho circular, de bronze, onde te miras,
Como um dia bebi a agua de saphiras
Do lago á flor do qual, batida pela aragem,
Desbotava e tremia, airosa, a tua imagem...
Desde a hora em que a vi, vejo a tua belleza
Dispersa a palpitar por toda a natureza!
Se é tão brilhante o sol que aquece e doira o mundo,
E' porque o doira e aquece o nosso amor profundo;
Se estão no curvo azul tão vivas as estrellas,
E' porque, meu amor, olhaste para ellas;
Se exhalam tanto aroma as flor's da primavera,
E' porque as lindas flor's estão á tua espera;
Se é tão doce o arrulhar da rôla em seus adejos,
E' porque ouviu na sombra a voz dos nossos beijos!
Tua belleza, amor, deslumbrante, infinita,
Que a exaltação acalma e a mansidão agita,
Que enternecera leões e brancas penedias,
Que aos mais cobardes déra epicas valentias,
Não cabe no teu corpo alvo, fino e ligeiro,
Fulgurando irradía e enche o universo inteiro!

MELISSA

Em tudo o que te cérca, amigo, vês apenas
Meus olhos, minha voz, meu corpo d'açucenas;

Vês-me no céo azul e achas em mim o céo,
Espalhas-me p'lo mundo e o teu mundo sou eu!
No seu egoismo atroz, o amor que me endoidece
Só quizéra, porém, que tudo perecesse,
Que a hyena e o rouxinol, desertos e cidades,
Sombras da noite e matutinas claridades,
Mansos rios, vulcões, florestas e campinas,
Homens, profundos mar's e estrellas diamantinas,
Tudo em pó se fizesse, e que o mundo depois
Ficasse reduzido apenas a nós dois!
Então sim! Então sim! Todo te possuira!
Então fôras só meu, só meu! Então sentira
Que ninguem me roubava, ó luz que me allumias!
Não tendo mais que olhar, só p'ra mim olharias!
Não havendo mais flor's, então não comparáras
Meus alvos seios nus ás anemonas raras,
Aos lirios virginaes e aos candidos jasmins!
Morto o vento fugaz, da brisa dos jardins
Não chamarias gemeo ao meu halito doce!
E como toda a luz no céo extincta fosse,
Não irmanáras, tu que a amar-me te desvelas,
Meus cabellos ao sol, meus olhos ás estrellas!
Tendo-me só a mim, com deslumbrado amor
Em mim acharás tudo, a luz, o arôma e a côr!

Apoiando-se ao hombro de Agamedes:

O amor que te consagro e aquelle que me votas,
Como ephebos gentis mergulhados no Eurotas,
Podem medir-se bem no estadio da nossa alma,
Sem que um fique vencido e o outro obtenha a palma.
Na fôrça immensa eguaes, eguaes na lealdade,
Irmãos pela constancia, e irmãos p'la insaciedade,
Buscando o mesmo ideal, cegos p'los mesmos brilhos,
Com ancias deseguaes, vão por diversos trilhos!
Emquanto, amado meu, deixando de me ver,
Me espalhas pelo mundo, e encontras o meu ser
Em tudo quanto vês no caminho onde vaes,
Eu só te vejo a ti, ceguei p'ra tudo mais!
Na loucura fatal que ha tempos te domina,
Não quer's ver o clarão, mas o que elle illumina!
Mais doce do que a lua é para ti o luar!
Qual namorado és, amigo, que em logar
De correr para a voz corresse para o echo!

AGAMEDES

Sim! porque a voz morreu... mas do cômoro sêcco
Seu phantasma reflue; e sendo a voz tão linda,
Tão cheia de ternura e de bondade infinda,

De promessas leaes e argentina fluidez,
Uma lástima fôra ouvil-a uma só vez!

MELISSA

Agamedes, como eu te amo e como eu quizera
Ser muito pequenina, ainda mais do que era
Quando á vida cheguei! Eu, cuja anciosa bôca,
Se me beijas os pés, fica a chorar-se louca,
Eu, cujo dorso treme em doloridas linhas,
Se com dedos de luz a testa me acarinhas,
Como eu quizera ser miudinha!

AGAMEDES

Que desejo!
De que tamanho então?

MELISSA

Do tamanho d'um beijo!

AGAMEDES

D'um beijo? E para quê?

MELISSA

Para que, mais ditosa

Do que Diana, ao entrar na gruta mysteriosa
Do bello Endymião, em passadas subtis,
Para que, mais feliz, mil vezes mais feliz
Do que Thetis depois da celebrada boda,
Com um só beijo, um só! tu me beijasses toda!

AGAMEDES

Sabes como eu te adoro e sei quanto me adoras:
Não ensombremos pois as perfumadas Horas,
Que, ao passarem por nós no chão da mesma estrada,
Páram para nos ver, e co'a fronte voltada
Ficam tempos sem fim a olhar-nos, minha flor...
Amemo'-nos! porém, sem reflectir no amor!
Se a agua é fina, que importa o penhascal que a deita?
Rude o tempo achará quem o desaproveita:
Beijemo'-nos, receando as suas reprasalias...

MELISSA

O tempo, dizes bem, tem asas nas sandalias...

Beijam-se e abraçam-se longamente.

SCENA II

Os mesmos e Anacreonte.

Entrando pela porta do fundo Anacreonte estaca ao ver Agamedes e Melissa ainda abraçados, e só avança quando elles se desenlaçam.

ANACREONTE

Bem fiz eu em cá vir! Ha dias que não ouço
Senão lamentações e gritos d'alvoroço,
Prophecias fataes e adeuses compungidos...
Aqui, pelo contrario, estreitamente unidos,
Vós dois dizendo estaes, quebrados de ternura,
Que não é um sonho só n'este mundo a ventura,
E que, se um sonho é, levando o Amor ao lado,
E' um sonho encantador que se sonha acordado!

MELISSA

Sê bemvindo!

ANACREONTE, recuando um passo ao ver a estatua:

Que vejo? Assombro! Maravilha!

Treme, Deucalião! Um mortal, n'esta ilha,
Dos teus feitos repete agora o mais famoso,
Fazendo d'uma pedra um ser vivo e gracioso!

Para Melissa:

Ah! que feliz tu és, Melissa, em ter um amante
Como tens! A agua quieta e o espelho scintillante
Não reflectem melhor tua nudez d'estrella:
Olho-a e vejo-te a ti, olho-te e vejo-a a ella!

AGAMEDES, para Melissa:

Ouves?

Para Anacreonte:

Melissa diz que a aformoseei...

ANACREONTE, para Melissa:

Cegaste?
Não é a tua irmã, és tu! A mesma haste
Não produz duas flor's tão eguaes!
Se não fôra
O luto que me cobre o coração agora,
A Cypris, mãe do Amor, um hymno composéra,
Um hymno triumphal, cheirando a primavera,
Que as virgens mais gentis de Samos, coroadas
De lirios, de açafrão e anemonas geladas,
Grinaldas baloiçando ao compasso das ondas,

Cantariam á estatua em baloiçadas rondas...
Mas ai!

MELISSA

Queres beber?

ANACREONTE, com tristeza:

Não!

MELISSA

Já não te conheço!
Anacreonte engeita o vinho que lhe off'reço,
Elle que sempre está prompto a rir e a beber?

ANACREONTE

Pois beberei! Mas hoje é só para esquecer...

MELISSA, enchendo uma taça:

Que linda côr que tem!

ANACREONTE

Basta!

MELISSA

Só isto?

ANACREONTE

Só.

Molha de leve os beiços no vinho
e devolve a taça a Melissa.

AGAMEDES

Conta-me o que é que tens.

ANACREONTE

Polycrates lançou,
Como sabido é, um annel precioso ao mar,
Crendo que o Olympo assim, vendo-o sacrificar
Essa joia a que tinha um tão cordeal apego,
O deixaria em doce e constante socego
Gosar de todo o resto...
Alguns dias andados,
Desponta um pescador, que nos braços crestados
P'la guieira e pelo sol, conduz, suando, um peixe
Iriado, colossal. — « *Permitte que aqui deixe,* »
Diz o lobo do mar, « *este prodigio. Nunca*
« *De Samos no areal, que tanto peixe junca,*
« *Se viu um peixe assim : repara, como é bello !*
« *Polycrates, só tu é que deves comêl-o !* »
Polycrates, que é sempre um magnanimo amigo,

Acceita a offerta e diz : — « *Comêl-o-ás comigo,*
« *Comigo jantarás !* » E pegam conversando
Em naus, navegações e pesca... Eis se não quando
Entra o huchão, a dizer em alta gritaria :
— « *Olhae, no bucho o peixe esta joia traxia !* »
Abre a mão : era o annel, o annel que tinha sido
Arremessado ao mar !
Trémulo e commovido.
Polycrates o beija e no dedo o colloca,
Chegando-o, p'ra o beijar, vezes sem conta a bôca
No palacio rompeu então alto bulicio !
O Olympo recusára o duro sacrificio,
E, devolvido o annel a Polycrates, nós,
Quantos eramos lá, bem ouvimos a voz
Dos Deuses, trovejando em furor sybillino :
— « *Guarda, infelix, o annel! Não se foge ao Destin*

D'essa voz escutando a retumbante ameaça,
Vendo, negras, pairar mil aves de desgraça
N'aquelle aureo salão, tão sumptuoso e lindo,
Onde até sob os pés as gemmas se estão rindo,
Ficámos a tremer, quaes se o gêlo das calmas
Cumieiras do monte Ida entrára em nossas almas.
Mas Polycrates, esse á voz divina surdo,

Achando natural aquelle excesso absurdo
De ventura, que o annel perdido lhe trazia,
Crendo-se mais que um deus, mirando o annel, sorria...

AGAMEDES

Tudo isso ouvira eu já; mas á fôrça de estranho,
Não me canço de o ouvir mais vezes...

ANACREONTE

Ouve, tenho
Muito que te contar. Inda não se apagára
A surpresa e o terror causado pela rara
Reapparição do annel, e festas e banquetes
Seguiam-se joviaes, apparece de Oroetes,
Que hoje vive em Magnesia e é Sátrapa dos sardos,
Um moço embaixador, galhardo entre os galhardos.
A que vem? A pedir o auxilio do tyranno
Contra Kambyses, rei potente e deshumano.
De tal auxilio em paga, Oroetes jura dar
A Polycrates, se este á guerra o acompanhar,
Metade do que tem, acrescentando, acceso
Em vaidade, possuir tanto oiro como Creso!
Colhido p'la ambição, Polycrates não escuta
Os amigos, como eu, que em porfiada lucta

Receando que a proposta encubra uma armadilha,
O aconselham, leaes, a não sair da ilha.

AGAMEDES

Uma armadilha ?

ANACREONTE

Sim. Oroetes, que é soberbo,
Deve maguado estar pelo desprêso acerbo
Com que o nosso tyranno ha tempos acolheu
E despediu calado um mensageiro seu.
Polycrates, porém, não me attende, illudido
P'la proposta fatal...

AGAMEDES

Dizem que um seu valído,
Um tal Meandro, foi ver se o Sátrapa na Lydia
Possuía o que dissera, ou se perfida insidia
Sob aurea seducção andava cavillando...

ANACREONTE

Foi, é certo; e o peor é que voltou, contando
Com seus olhos ter visto anchas arcas repletas
D'oiro fino, arrancado ao Pactólo, em palhetas.

AGAMEDES

E o que pensa fazer Polycrates?

ANACREONTE

Agora,
Insensivel aos ais da filha encantadora,
Que o beija n'uma dor tão funda como vã,
Anciosamente espera o dia d'amanhã,
Para, mais uma vez desafiando a Sorte,
Partir...

AGAMEDES

P'ra Sardos?

ANACREONTE, com amargura:

Sim... ou talvez para a morte!
Vou-me... Adeus!

MELISSA, prendendo-o pela tunica:

Não te vás!

AGAMEDES

Fica!

MELISSA

Cearás comnosco!

ANACREONTE

Já demais ensombrei com meu espirito fosco
A vossa f'licidade. Hoje, que vos diria
Senão cousas fataes, improprias da alegria
D'este ninho d'amor? Hoje, a vida maldigo,
Vendo que se escancára um abysmo aos pés do amigo
Que sempre me tratou com fraterno desvelo...
Quero com elle estar, talvez não torne a vêl-o!

AGAMEDES

Vae! Mas triste ou jovial, assim me ajude Zeus,
Serás sempre bemvindo, ó rouxinol de Téos!

ANACREONTE

De Téos o rouxinol transformou-se em coruja!
Seu mudado cantar não adóça, amaruja...
Amanhã voltarei...

Encaminha-se para a porta.

AGAMEDES

Não te esqueça o que dizes...

MELISSA

Não nos faltes, vê lá!

ANACREONTE, voltando-se para traz e fazendo um gesto de despedida:

Vós é que sois felizes!

Exit.

SCENA III

Agamedes e Melissa.

AGAMEDES, sentando-se, pensativamente, sobre um bloco de marmore:

Felizes?

MELISSA, approximando-se de Agamedes e beijando-o nos cabellos:

Eu por mim sou felicissima!

AGAMEDES

E eu
De tal modo feliz, que até em mim nasceu
O assombrado terror de ser feliz de mais!
Tremo que olhem p'ra nós os deuses immortaes!

MELISSA

Turba-me o teu falar! Não me disseste ha pouco,
Luz do meu coração, que era proprio d'um louco,
Mas d'um louco varrido, alhear-se, por-se a gente
A pensar no futuro, esquecendo o presente?

Não taxaste, meu bem, de puro desatino,
Que alguem tente desviar os golpes do Destino ?

AGAMEDES

Assim foi, meu amor : mas devo confessar-te
Que a aventura do annel, d'esse prodigio d'arte
Arremessado ao mar e p'lo mar devolvido,
Me faz pensar em nós, taciturno e abatido...
Amasis tem razão...
Fortuna que ultrapassa
Commedido limite é uma divina ameaça !

Pequena pausa.

O pio camponez dirige-se á manada
E escolhe entre as demais a vitella malhada,
Saltadora e gentil, de rosado focinho,
Cujo sangue em cachão, misturado com vinho,
Ha-de em breve correr sobre a pedra do altar.
A amedrontada rez, deixando-se apartar,
Percebe que o aldeão com dedos indolentes
A afaga e lhe dispõe nos cornos incipientes,
De narcisos de neve um cheiroso festão...
E logo, eil-a a mugir com terna gratidão,
Tal a moça rendida ás caricias do amante,
Ignorando, infeliz ! que essa mão afagante,

Que essa mão que lhe bate em macio compasso,
Breve lhe ha-de embeber a choupa no cachaço!

O Destino é o aldeão e nós a rez singela...
Quando virmos sorrir o Destino, cautela!
Deve vir perto a dor, se nos roça o prazer,
E a desdita a miudo, ai de nós! quando quer
Nossa taça rasar das mais cruciantes dores,
Embuça-se, a cruel, n'um manto d'alvas flores!

MELISSA

Sentes-te, dize, então feliz em demasia?

AGAMEDES

Pois não és minha amante? A doirada ambrosia
E' fel, talhante fel, se a comparo á doçura
Do nosso grande amor... Os deuses lá na altura
Podem ciumes ter de mim. Devo acalmál-os!

MELISSA

Como?

AGAMEDES

P'lo soffrimento. Immolando os regalos,
Que o meu sonho d'artista ainda ha pouco me dava,

Dizendo o ultimo adeus á Gloria que acenava
Por mim com aurea voz, das eras porvindouras;
Lançando, tristemente, ás ondas gemedoras
A maceta e os cinzeis, irmãos que eu estremecia;
Jurando nunca mais lavrar a pedra fria
Na ancia de crear excelsas maravilhas,
E fazendo afinal a tua estatua em estilhas!

MELISSA, aterrada:

Acaso enlouqueceste?

AGAMEDES, desvairadamente:

E' certo, enlouqueci,
Enlouqueci d'amor, d'amor, d'amor por ti!
Enlouqueci, meu bem, e quero viver louco,
Quero louco morrer!

MELISSA

Ouve, socega um pouco...

AGAMEDES

Socêgo? só depois de destruir a estatua...
Fôra uma presumpção ingenuamente fatua
Querer possuir a um tempo a Gloria eterna e o Amor!

E o castigo depois? Bem mais viva que a dor
Que se faz annunciar, da qual se está á espera,
E' a dor que de surpresa as almas dilacera.

MELISSA

Partir a estatua! Não!... Peço-te, supplicante...

AGAMEDES

O artista ha-de morrer para salvar o amante!

Silenciosos, com as frontes abatidas, os dois amantes encaminham-se para a vinha.

QUARTO ACTO

QUARTO ACTO

O mesmo scenario dos dois primeiros actos.

SCENA I

Anacreonte e Melissa.

A' volta d'um passeio, Anacreonte e Melissa entram vagarosamente pela esquerda.

MELISSA, parando:

Quando vaes?

ANACREONTE

Amanhã.

MELISSA

Não nos deixes ainda,
Fica alguns dias mais...

ANACREONTE

Não posso, minha linda.

De Hipparco a esbelta nau que ha-de levar-me a Athen
Já cança de me esp'rar n'estas aguas serenas,
Deserta por voltar ao natalicio porto.
E' forçoso partir! Além d'isso estou morto
Por deixar sem demora esta ilha, onde tudo,
Tudo o que d'antes ria e agora é carrancudo,
Por onde quer que eu vá, me recorda, ai de mim!
Polycrates e o seu calamitoso fim!
Polycrates! Que horror! Que desgraça! E' medonho
Nem posso crer em tal! Parece-me isto um sonho!
Polycrates, o sabio, o sumptuoso, o altivo,
D'Oroetes p'la traição, crucificado vivo!

Exaltando-se:

Euménides fataes, ó crueis vingadoras,
Não esp'reis que Oroetes desça ás plagas rugidoras
Do Tártaro, onde estaes; vinde, vinde, inclementes,
A' terra, sacudi látegos de serpentes,
Fustigae-o sem dó, tirae-lhe os olhos vis,
E levando-o afinal em vossas mãos hostis,
Tão habeis em crear torturas inauditas,
Prendei-o á roda bem, de Ixion, rei dos Lapithas!

Para Melissa, acalmando-se:

Vê no que deu o mel dos meus cantos d'amor,
No que o meu riso deu!

MELISSA

E' justa a tua dor!
Mas se ficasses mais uns dias...

ANACREONTE

Não, não posso...
Abafo, morro aqui! Um cruel alvoroço
Me abala todo o ser! Esta ilha encantadora
Onde fui tão feliz, quasi que a odeio agora,
A ella e ao povo seu, povo sem coração!
Lycaspis sentiu mais a morte do seu cão
Do que a do seu senhor! Bathylo a mesma cousa!
E Simalos, ouvindo a noticia horrorosa,
Nem sequer adiou, alma de seixos, fria,
A ceia que mandára arranjar n'esse dia!
Eurypila, a venal, em vez de partilhar
Minha amargura atroz, deixou-se captivar
P'las drachmas infernaes de Lycon de Mileto,
E uma noite passou com esse bode abjecto!
De Polycrates chora a filha e chóro eu,
Folgam todos os mais. Ao deixar este céo,
Saudades, levo-as só de ti e de Agamedes...

MELISSA

Mas fica um dia mais, só um!

ANACREONTE

O que me pedes,
Não t'o posso fazer.

MELISSA, amarguradamente:

Vaes-te, partes d'aqui
No momento em que eu mais precisava de ti!
Amigo, pois não vês como Agamedes anda
Desde que ouviu contar a traição execranda
D'Oroetes? Elle que era atrevido e valente,
De medroso parece uma donzella doente!
Tudo o assusta: se vê na esmeraldina alfombra
Um lagarto a fugir ou d'um passaro a sombra,
Logo ali se detem, ficando côr de cidra,
Qual se vira de Lerna a pavorosa hydra.
Chicoteado p'la mão d'um soffrimento enorme,
De dia não trabalha e de noite não dorme;
Vê-me e foge de mim como d'um inimigo,
E ha uma decada já que não dorme comigo!

ANACREONTE

'Stá bem mudado, está...

MELISSA

Só tu, Anacreonte

Poderás afastar a nuvem d'essa fronte,
Só tu, amigo meu, com tua voz amiga
Podes reconduzil-o á doce paz antiga!
Não! não te vás d'aqui sem que primeiro a esp'rança,
Como d'antes, lhe doire os labios de creança,
Sem que um raio de sol extermine seus lutos,
Sem que os seus olhos leaes, acalmados e enxutos,
Como profundos céos cheios de meteoros,
Voltem a olhar meu seio e meus cabellos louros.

ANACREONTE

O tempo limpará o céo, das nuvens negras...

Voltando-se para a esquerda e avistando Agamedes ao longe:

Lá vem elle, acolá...

MELISSA, retirando-se:

Fala-lhe, vê se o alegras...

Melissa vae esconder-se furtivamente entre as alfarrobeiras e os cyprestes que ficam á direita da casa.

SCENA II

Anacreonte e Agamedes.

Escondida entre as arvores, Mélissa escuta com amarga attenção o dialogo seguinte:

ANACREONTE, dirigindo-se a Agamedes que entra pela esquerda, completamente desfigurado, excessivamente pallido:

Desde o romper do sol que ando á tua procura!
Dize, d'onde é que vens?

AGAMEDES

Não sei! Minha amargura,
Enleando-me, feroz, com truculentos braços,
Nem me deixa attentar na senda dos meus passos!

ANACREONTE

Dormiste em casa?

AGAMEDES

Não. Sob inflammado açoite,
Passei a noite immensa a vaguear, toda a noite!

ANACREONTE

E assim deixas, cruel, Melissa, a pobresinha,
Aguardando-te em vão no seu leito sósinha!

AGAMEDES

Não deves condemnar-me antes de ouvir-me! Escuta:
Ha longos dias já que ando em damnada lucta
Comigo mesmo, fraco e miseravel ser,
Que não faço o que devo...

ANACREONTE

E o que pensas fazer?

AGAMEDES

Partir a estatua!

ANACREONTE

Não! P'los deuses, te conjuro!
Quando por um crystal visses o teu futuro,
Ou da Sibylla a voz t'o houvesse revelado,
Nem assim, por maior que fosse o teu cuidado,
Deixáras de encontrar, alta, fria e severa,
A' hora annunciada, a dor que te coubera!
Œdipo, o desgraçado, o cego rei thebano,
Baldadamente ouviu o oraculo inhumano,

Que lhe falou em voz travosa como o absyntho!
Acautelou-se em vão, em vão deixou Corintho:
Mal na Phocida entrou, foi logo parricida!
E depois de explicar, da Sphynge emmudecida
O mysterio fatal, com esperteza nefasta,
Incestuoso entrou no leito de Jocasta!
Não se foge ao destino, amigo!

AGAMEDES

Tens razão...
Mas Nemesis não traz um covado na mão
P'ra medir a fortuna, e um facho que irradia
Para queimar quem for ditoso em demasia?
Acaso, meu amigo, acaso te esqueceste
Do estrondo com que ha pouco a colera celeste
Caiu, como brutal, cyclopica montanha,
De Polycrates sobre a f'licidade estranha?
E eu que sou mais feliz que Polycrates foi,
Hei-de os braços cruzar?

ANACREONTE

O verdadeiro heroe,
Se respeita piedoso os deuses, não n-os teme:
Afagam-n-o? Não ri... Trucidam-n-o? Não geme...

Esp'rando, sem um tremor nos olhos indiff'rentes,
Que o venham coroar de flor's ou de serpentes!

AGAMEDES

Mostras, falando assim, não conhecer Melissa!
Se soubesses os dons com que ella me enfeitiça,
Inda acharias pouco, ó meu dilecto amigo,
Quanto faço e farei, para ver se consigo
Que o destino cruel m'a não roube!
Hontem, quando
Entrei na sua alcova, achei-a dormitando...
Tão linda a vi então, que, vendo no sobrado
Uma pluma ligeira e branca, deslumbrado,
Quedei-me a perguntar se essa pluma seria
Das asas d'uma pomba ingenua e fugidía
Ou das asas do Amor, que, em languida surpresa,
Tivesse estado ali, a admirar-lhe a lindeza!

Pausa.

Nua como uma rosa, eil-a a sonhar, tranquilla...
Sobre a tripode posta, a lampada d'argila
Com fixa luz, egual a uma lagrima d'oiro,
Doira a sua nudez... Sob o diluvio loiro
Da cabelleira astral, seu corpo mal se esconde,
Delicioso jardim de primavera, aonde

De momento a momento abre uma nova flor !
Approximo-me mais...
Sonha e sorri d'amor...
Nos labios de coral, seu halito infantil
E' branda viração a louquejar subtil
No verde laranjal das Hesperides... Sonha...
Sonha e sorri d'amor... Sorri... Nua e risonha,
Parece-me mais bella !
Abrasado em desejos,
N'um doido frenesi, visto-a toda de beijos ;
Beijo-lhe o dorso, o collo, a cabelleira espessa,
Os hombros, beijo-a, emfim, desde os pés á cabeça !
No seu corpo gentil minha bôca doideja
Como um insecto... não ! como a vaga que beija
Uma praia a fulgir... Como vaga amorosa,
A minha bôca se espreguiça, amaviosa,
No seu ventre, areal macio, onde com graça
Da purpura do leito um reflexo perpassa...
Como vaga a cantar em maviosas surdinas
A minha bôca sóbe ás candidas collinas
Do seu collo de jaspe, e atravessa de leve
Suas pernas de deusa, alvas dunas de neve,
E esquece-se a brincar, ao luar d'essa nudez,
Com as conchinhas que são as unhas dos seus pés...

Gemente, aos beijos meus, distende os membros lassos,
Abre os olhos, sorri... aperta-me nos braços,
De cabellos me inunda e beija-me na bôca
Com tão doido furor que quasi me suffoca!
Mas subito, que horror! entre os lascivos ais
Que eu soltava, escutei:
— « *És ditoso de mais!* »
Da divina prisão, gelado, me desprendo,
E levado p'la voz d'esse aviso tremendo,
Colho um martello então, entro pela officina,
E prompto a espedaçar a estatua peregrina,
Busco-a, sentindo n'alma as cruciantes penas
D'Agamemnon, o rei d'Argos e de Micenas,
Quando ao altar levou, docil como as ovelhas,
Iphigenia, alva flor de bastas sobrancelhas!

Nunca a estatua até ali me par'cera tão bella!
Meus olhos, a chorar, cerrei para não vêl-a,
O pesado martello alcei na mão crispada,
E já ia a largar a barbara pancada,
Quando ella me gritou:
— « *Olha-me ainda uma vez!* »

E eu subjugado olhei-a e caí a seus pés...

E ella continuou :

« Antes que me espedaces,
« Beija-me ainda uma vez o seio, a nuca e as faces,
« P'ra que eu, ebria d'amor, cega de f'licidade,
« Dos teus golpes depois não sinta a crueldade !
« Quem me diria a mim, nas horas fugitivas
« Em que lavraste ancioso as minhas fórmas vivas,
« Com ternuras de pae e namorado, então
« Quem me diria a mim, que a tua bella mão
« Nas caricias, alada, e no trabalho, firme,
« Que a mão que me creou viria a destruir-me ?
« Amante, amas Melissa, artista, tens-me a mim,
« E forçado a abdicar d'uma de nós, afim
« De assegurar da outra a idolatrada posse,
« Por hostia me elegeste !
« A tua amante é doce
« Como um favo de mel, brilhante como os astros
« Que scintilam no azul : vêl-a é cair de rastros !
« A belleza, porém, de que hoje em dia gosas,
« Terá a duração ephemera das rosas !
« A deleitosa pel' lucida e pennujenta,
« Que os labios teus febris agora dessedenta,
« O Tempo a engelhará, dando-lhe o dolorido

« Ar d'um fructo sem côr, n'um cofre, envelhecido !
« Borboletas a rir n'um jardim de desejos,
« As suas mãos de prata, enlevo dos teus beijos,
« Ás quaes poetas e reis dariam, por beijal-as,
« Odes cheias d'amor, urnas cheias de opalas,
« Essas pallidas mãos soberanas e esguias,
« Onde cobram mais luz as flor's e as pedrarias,
« Ostentarão, pedindo esmola, entre alvoroços,
« A miseria dos seus desconjuntados ossos !
« Sua bôca, ilha de luz mais linda que Cythera,
« Ilha onde estão folgando a Aurora e a Primavera,
« E onde a perola ri junto ao rubim vermelho,
« Um poço ha-de par'cer, negro, atulhado e velho !
« Mas tu, moço insensato, estas coisas esqueces ;
« No seio de Melissa a razão adormeces,
« E em breve, cego e tonto, aqui immolarás
« Minha belleza eterna ao seu viço fugaz !
« Eu, que formada fui para aos tempos vindouros
« Mostrar, serena e pura, entre appolineos louros,
« Do teu genio d'artista a excepcional grandeza ;
« Que sempre mantivera, intacta, esta belleza,
« De olympiadas mil ao convulso roldão ;
« Destruida serei por tua propria mão,
« P'la mão que me creou, que me insuflou a vida,

« Destruida serei por ti, ó parricida !
« Por ti que assim prefer's, com louca ingenuidade,
« Uma hora de luxuria á immortalidade !
« Destroe-me! Aqui me tens! Mas ouve: ao esculptura
« De tal maneira em ti, com inspirado alarme,
« Refervia a paixão e o genio, que esse fogo
« Toda me penetrou ! e, estatua, cri-me logo
« Quasi, quasi mulher ! Sob o escopro infallivel,
« Minha pedra ficou, como a carne, sensivel,
« E assim, algoz sem alma, abatendo o martello
« Sobre a minha nudez purissima, de gelo,
« Não te espantes se á luz das mil constellações
« Vir's o sangue jorrar da pedra em borbotões ! »

Calou-se.

Ia a quebrál-a... Ah ! mas n'isto, fitei-a :
Pallida e virginal, dava-lhe a lua cheia !
Par'cia respirar, alliciar-me e sorrir...
Era a vida, era o amor, era a graça e o florir
Da belleza e da luz !
Doido, fugi-lhe então,
E toda a noite andei a vaguear como um cão !

Revelando no rosto e na attitude
o maior soffrimento, Melissa

sae d'entre as arvores, e entra furtivamente em casa, sem ser vista.

ANACREONTE

Sê razoavel : poupa a estatua scintillante
E continúa a amar sem mêdo a tua amante,
Livre d'apprehensões, como n'um galho em flor
Uma ave a cantar...

AGAMEDES

Ave a que o caçador
Com frechada mortal, breve, interrompe o canto...

ANACREONTE

Imita o ingenuo arroio...

AGAMEDES

Esse louqueja tanto
Por ignorar o fim que terá ; se o soubesse,
Em logar de correr, talvez se detivesse,
Pref'rindo com razão morrer ali, de vez,
A ter de ser oceano e de lançar aos pés
De viuvas a chorar, e d'orfãos esfomeados
Restos d'embarcações e restos de afogados !
Quem me déra ser ave e arroio ! Não sentira

A crua dor p'la qual meu coração delira
Prestes a succumbir! Fosse eu ave erradia
Ou ribeiro veloz, como então cantaria!
Mas sou homem! Pensando, o futuro me aterra:
Sei que tudo o que cobre e se agita na terra,
De terra, cedo ou tarde, ha-de um dia cobrir-se,
E que a ventura, irmã da refalsada Circe,
Se nos fecha co'a mão os deslumbrados olhos
E' para nos lançar n'um caminho d'abrolhos!
Sou homem, e ainda peor do que isso, namorado!
Namorado infeliz, que ao ver o objecto amado
Cheio de perfeições, que ao desnudar Melissa,
Sentindo-a minha só, docil, pura e submissa,
Junto, — e funesta dor me abala todo o ser,
Ao goso de a possuir o medo de a perder!
Ah! que inferno de vida!

ANACREONTE

Estás cançado, amigo;
Se te fosses deitar?

AGAMEDES

Vou... não posso comigo...

Agamedes dirige-se tristemente para casa. Anacreonte senta-se acabrunhado numa pedra.

SCENA III

Anacreonte e Melissa.

Anacreonte levanta-se ao ver Melissa, que apparece embuçada n'um peplo branco, orlado de purpura.

ANACREONTE

Que quer dizer, Melissa, o trajo em que te vejo ?
Porque me escondes tu, com silencioso pejo,
N'esse peplo de lã teu rosto, irmão da Aurora ?

MELISSA

Adeus !

ANACREONTE

Mas onde vaes, Melissa ?

MELISSA

Vou-me embora !

Desembuçando-se, e olhando em torno, inquietamente :

De Samos larga em breve uma nau para Scyros,

Segundo Archias contou ; afogada em suspiros,
Mordido o coração por cem dentes de ferro,
N'essa nau partirei para incerto desterro !

ANACREONTE, fóra de si :

Zeus ! Nem penses em tal !

MELISSA

Irei : não me dissuades...
Nas arvores occulta, em crueis anciedades,
Cega d'amor, cega de dor, cega de pranto,
Acabo de escutar, amigo, tudo quanto
Agamedes te disse, e ouvindo-o comprehendi
Que nem um instante mais devo ficar aqui !
Se eu não me fosse embora, em breve, qualquer dia,
Sua convulsa mão, doida, destruiria,
Crispada de furor, a minha estatua bella,
E eu ficaria sendo... a triste sombra d'ella !
Depois, como lhe disse a estatua, hontem á noite,
Fustigado sem dó, dos dias pelo açoite,
Meu corpo d'ambar perderia, a pouco e pouco
Toda a graça e frescor que o fazem por mim louco,
E a sombra que eu seria, em crescente amargura,
Cada vez, cada vez ficara mais escura !

Não, não devo ficar!
Indo-me n'este instante
Bella como ainda sou, sempre bella e radiante,
Como um astro brilharei aos olhos da sua alma,
E a estatua glacial, a estatua muda e calma,
P'ra Agamedes será em noites de tristeza
O echo branco da minha exilada belleza!
Parece o bem maior se vimos a perdêl-o,
E assim, n'um sonho triste e saudoso mas bello,
Mais bella me verá, 'inda com mais amor!

ANACREONTE

Terás razão, não sei...
Mas attenta na dor
Que o pobre soffrerá sabendo que partiste...
Peço-te que não vás... Não vás! Anda tão triste...

MELISSA

Por vêl-o assim tão triste é que eu me vou! Receio
Vêl-o mais triste ainda!
Em meu dorido seio,
Onda que vae estalar, pulsa-me o coração
Como nunca pulsou, doido de commoção,

Ao sentir que me vou d'estas sombras discretas
Onde as Horas a rir par'ciam borboletas!
Cada pedra no chão, cada cepa na vinha
E cada arbusto era um amigo que aqui tinha,
E ainda mais que um amigo, um terno confidente,
Que d'elle me falava... Aos raios do poente
Se p'lo jardim em flor me aventurava só,
Dizia-me um loureiro: — « *Onde é que elle ficou?* »
Mais abaixo, na vinha, um pampano viçoso
Acenando por mim, gritava malicioso:
— « *Foi aqui, aqui foi que elle, em risada louca,*
« *Um bago te roubou que já tinhas na bôca!* »
Mais adeante uma pedra exclama: — « *Aqui, um dia,*
« *A sandalia ao compor, que do pé te fugia,*
« *Apertou sobre mim o teu corpo celeste*
« *Que impresso cá ficou no musgo que me veste!* »
Esta casa, este céo, a vinha e aquelle mar,
Tudo me fala d'elle, e tudo eu vou deixar,
Para que tudo, céo e mar, vinha e jardim,
N'uma unisona voz só lhe falem de mim!

ANACREONTE

Sabendo que te foste, em furia repentina
Ao mar se deitará, se a dor o não fulmina!

MELISSA

A dor que ha-de sentir, sabendo que me fui,
Poupa-lhe outra maior!

ANACREONTE

Ai d'elle! nem possue
Ao menos uma irmã benevola e fagueira...

MELISSA

Serei constantemente a sua companheira!
Quanto mais longe andar, mais perto andarei d'elle!
A luz dos olhos meus e o aroma d'esta pelle
Nunca mais, adoçando as suas agonias,
Deixarão de allumiar e embalsamar-lhe os dias!
A ondasinha do mar, soerguida em cauto anceio,
De longe ha-de lembrar-lhe o meu tumido seio,
Dupla taça de myrrha e lacteas claridades;
Meus olhos côr do céo lhe mandarão saudades
P'los lagos vesperaes d'aguas glaucas e cerulas;
P'la voz do rouxinol, chamál-o-ei com perolas;
Meus cabellos de luz, derramados p'lo somno,
Nas arvores verá, quando as doirar o outomno;
E assim, fusile o sol, ou resplandeça a lua,
Sempre elle me terá, meiga, radiosa e nua,

Vivendo no presente as horas do passado!
Deixo-o e com elle vou! Vou-me e fico a seu lado!

Reprimindo o chôro que a suffoca:

Adeus, Anacreonte! Adeus, risonhos céos,
Onde aprendi a amar!

Parte.

ANACREONTE, procurando detêl-a:

Melissa!

MELISSA, fugindo:

Adeus! Adeus!

Coimbra,
21 de setembro de 1906.